OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18. n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca)	15$000	7$500	-$-	-$-

6.º ANNO—VOLUME VI—N.º 174

21 DE OUTUBRO 1883

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Regressou da sua viagem ao estrangeiro, com sua esposa e seu filho o sr. infante D. Augusto, Sua Magestade el-rei o sr. D. Fernando. É muito estimado e muito querido em Lisboa, o illustre principe que com as suas raras qualidades de caracter, de espirito e de coração tem captado o respeito e amisade de todos os portuguezes, como rei e como homem. Sua Magestade el-rei D. Fernando foi recebido depois da sua curta ausencia com toda a alegria e sympathia com que se acolhe uma pessoa de familia, que volta de viagem, e era de ver o jubilo affectuoso com que toda a gente cumprimentava o augusto soberano, quando no dia immediato ao da sua chegada, andou passeando a pé, sósinho, sem nenhuma ostentação de pompas reaes, pelas ruas da cidade, como que para matar saudades d'esta bella terra que ha tantas semanas não via, d'este bom povo que ha tantos dias não encontrava no seu caminho.

Esse acolhimento sympathico e respeitoso que o sr. D. Fernando encontrou nas ruas de Lisboa, no dia immediato ao da sua chegada, a estima e a consideração que poude ver em todos os rostos que se curvavam na sua passagem, mostraram-lhe bem quanto era estimado e querido por todos, e devem ter sido muito mais agradaveis e lisongeiras do que todas as manifestações officiaes, que a etiqueta e o ceremonial regio decretam á chegada dos reis.

Muita gente alheia á corte tem ido ao paço das Necessidades cumprimentar o augusto soberano, o proprietario do OCCIDENTE, teve a honra e o prazer de ir apresentar as suas felicitações de boa chegada, a S. M. que por varias vezes tem dado a este jornal a distinctissima consideração da sua notavel collaboração artistica, e nós d'aqui, do canto da nossa obscuridade, cumprimentamos o illustrado principe, e damos-lhe sincera e respeitosamente as nossas boas vindas.

S. Eminencia o cardeal-patriarcha D. José III tomou já posse solemnemente do patriarchado de Lisboa.

A ceremonia fez-se com toda a pompa do estylo, seguindo processionalmente da egreja da Magdalena para a Sé, o novo chefe do patriarchado e sendo ali recebido pelo ministerio e por todos os altos dignatarios da egreja.

O OCCIDENTE não publicou ainda o retrato do novo patriarcha porque Sua Emminencia não tinha nenhuma photographia recente. Entretanto o emminentissimo prelado prometteu-nos ir photographar-se expressamente para o nosso periodico, e em breve o OCCIDENTE cumprindo o seu programma, dará o retrato do patriarcha D. José III e dos bispos recentemente nomeados para as varias dioceses do reino.

No momento em que começamos a escrever esta chronica chegou a Lisboa um telegramma de Monsão, noticiando que na freguezia de Riba de Mouro o povo, em multidão enorme se oppozera ao enterramento de uma defunta no adro da freguezia, e a enterrara na egreja contra a disposição expressa da lei.

Dias antes era Coura que se revoltava contra o mesmo facto do enterramento d'um cadaver no adro, e dava que fazer á tropa da guarnição dos logares proximos.

Tudo isto é muito original, muito caracteristico e prova bem tristemente o estado de civilisação das nossas provincias.

É extraordinario.

O povo deixa passar sem o mais simples protesto todas as violencias que lhe fazem, todos os incommodos, os transtornos, e prejuizos que os governos lhes causam aos seus interesses.

Dois exemplos recentes.

Ao cabo de muitos annos de promessas o governo faz por fim construir o caminho de ferro da Beira.

Essa linha ferrea, porém, já pelo seu traçado, já pelo seu extraordinario horario, causa graves transtornos e graves prejuizos aos povos cujas commodidades e engrandecimento devia promover.

E elles não fazem nada, nem sequer reclamam.

O governo dá por fim a concessão do caminho de ferro de Torres, uma linha indispensavel, de grande importancia para as povoações de Torres e circumvisinhas que tinham todo o direito a ser muito mais consideradas quando se fez o traçado do caminho de ferro do norte. Mas em summa, decretando-se, ainda que tarde, o caminho de ferro de Terres, remediava-se o mal, fazia-se justiça tardia sim, mas fazia-se, e vale mais tarde que nunca.

Muito bem.

Pois apezar de tudo o caminho de ferro de Torres está ainda por fazer, e nem se falla n'isso sequer: e todos os povos a quem a demora na construcção d'essa linha causa um prejuizo importantissimo aos seus interesses, estão calados, silenciosos e esperam resignados e indifferentes que as kalendas gregas tragam comsigo a inauguração d'essa linha ferrea.

E nem uma pequenina reclamação sequer!

Mas as auctoridades, em cumprimento tardio d'uma lei antiga, mas que para as provincias é lettra morta, não consentem um enterramento dentro das egrejas: eis immediatamente o povo em armas, expondo a sua vida, ousadamente, corajosamente, contra essa medida moderna, civilisadora e hygienica que tem unicamente por fim poupar-lhes essa vida que contra ella expõem.

É ou não profunda e desconsoladoramente caracteristico e symptomatico?

E' muito mais velha que a nossa certidão de baptismo o decreto que manda acabar com os enterramentos nas egrejas, e que ordena que em todas as povoações haja um cemiterio.

Pois é o mesmo que se esse decreto fosse um recemnascido, ou mesmo ainda um fêto.

Em muitas freguezias nunca se pensou em pôl-o em practica, e n'outras encontrava-se permanentemente uma resistencia enorme e invencivel para a fraqueza das auctoridades.

Essa resistencia tinha no fundo uma certa razão de ser, razão no fim de contas que cumpria aos governos debellar completamente como nem mesmo podia deixar de ser.

Não se fazendo os enterramentos nas egrejas, os mortos eram enterrados nos adros dos templos, ou em cemiterios improvisados pobremente. Ora a

JULIO ROCA, PRESIDENDE DA REPUBLICA ARGENTINA
(Segundo uma photographia de B. Loudet)

esses cemiterios a maior parte das vezes não tinham muros nem resguardos de especie alguma: os adros das egrejas tinham as lages mal unidas e d'ahi o facto vulgarissimo, dos cães e dos lobos irem de noite aos cemiterios e aos adros das egrejas despovoados, arrancarem das campas os cadaveres e fazerem dos seus estomagos famintos, jazigo aos mortos das freguezias, deixando os ossos roidos espalhados pelo chão.

Ás auctoridades competia tomar as devidas providencias para que os povos não tivessem razão e os mortos tivessem o seu repouso sagrado da cova.

Nada d'isto se fez, e o que se fez foi deixar as povoações a razão contra a lei, e continuar a enterrar os cadaveres nas egrejas, como se a isso não se oppozesse a lei em nome da hygiene publica.

Agora, quando o cholera aziatico começou a encher de terror a Europa, o governo ordenou que se puzesse rigorosamente em vigor a lei dos enterramentos.

É um costume original tambem da nossa terra De vez em quando recommenda-se superiormente ás auctoridades que façam cumprir as leis em vigor.

Parece que o racional era castigar todas aquellas auctoridades que se esquecessem de as cumprir; mas não senhor; a lei é lei mas não se cumpre, nem se castiga quem a não faz cumprir; de vez em quando adverte-se que a tal lei vae vivendo — *que le petit bonhomme vit encore*, que é para as auctoridades lhe darem um pouco de ar por causa do bolôr e da traça.

Mas os povos que tanto se lhes dá como se lhes deu, que os caminhos de ferro passem ou não passem pelas suas portas; que vêem com a mais tranquilla indifferença as suas camaras municipaes deixarem morrer á fome os professores de instrucção primaria, não consentem que os mortos se enterrem fóra da egreja. Querem por força ter ali o seu focosinho d'infecção, querem que os vapores doentios das covas lhes bafeijem os seus narizes quando vão ás missas da madrugada, e deixam tirar-lhes tudo até a camisa, se os governos quizerem, tudo, menos tirarem-lhes os mortos de dentro dos templos.

*

O theatro de D. Maria II deu-nos uma peça nova, *O sr. ministro* de Julio Claretie, traduzido excellentemente pelo nosso bom amigo e collega o sr. Maximiliano d'Azevedo.

Monsieur le ministre foi um dos maiores successos theatraes de Paris, na epocha passada.

Esse *successo* que devia provar que a peça de Claretie é uma peça muito boa, prova apenas a decadencia visivel do drama em França.

O sr. ministro é uma peça interessante, que se vê com agrado, mas está muito longe de ser uma obra prima.

Não temos espaço para a analysar miudamente e apenas poderemos dizer que o *sr. ministro* veio nos affirmar aquillo que já os dramas os *Ingratos* e o *Pae* nos tinham mostrado, que Julio Claretie não é um auctor dramatico.

O successo da peça actual ser muito superior ao das duas anteriores é devido unicamente ao brilho do dialogo, á scintilação d'alguns ditos de espirito, e d'algumas *tirades* á Jalin, que não costumam fulgurar no theatro de Claretie e que mostram evidentemente a passagem da penna brilhante de Dumas filho pelas paginas do *sr. ministro*.

O desempenho da peça no theatro de D. Maria foi completo e excellente, sobresahindo no primeiro plano João Rosa, Augusto Rosa, Brazão, Rosa Damasceno e Carolina Falco. Esta ultima actriz que ha muito tempo não dava que fallar de si, teve no papel de esposa do ministro uma das suas melhores creações theatraes, que lhe permittiu pôr em evidencia os seus dotes de artista e as suas graças de mulher. Deu um bello tom elegante de boa sociedade ao seu personagem, e fez com muita distincção e arte sobria as scenas mais violentas, evitando com talento o perigo do exagero melodramatico.

A actriz Rosa Damasceno fez brilhantemente o seu papel de cocotte, tendo algumas scenas realmente magistraes, como a da seducção no 2.º acto, e a scena d'amor no 3.º

São notabilissimos os progressos feitos nos ultimos annos por esta formosa artista, que hoje figura, sem contestação, entre as nossas melhores actrizes.

João Rosa foi no papel de ministro o actor notavel e distinctissimo que é honra do theatro portuguez.

Augusto Rosa teve occasião de mostrar todos os seus bellos recursos de fino *diseur* e de artista moderno n'um papel que elle fez explendidamente.

Brazão n'um papel relativamente pequeno accentuou em varias phrases o seu grande nome artistico, e o resto do desempenho foi todo á altura do nosso primeiro theatro, fallecendo-nos o espaço para mais do que citar os nomes de Joaquim d'Almeida, Silva Pereira, Costa, Antunes, Baptista Machado, Emilia Candida, Emilia dos Anjos, Luiza Lopes, etc., etc.

No theatro de S Carlos appareceu-nos um verdadeiro e grande artista, o barytono Duvoyod, que substituiu no Valentim do *Fausto* o barytono Souvestre que não agradou. Duvoyod é um artista francez de notavel reputação e de elevadissimo merecimento.

É um actor de primeira ordem, representa explendidamente e fez com que no *Fausto* o papel de Valentim passasse a ser este anno o primeiro papel, e a morte que fecha o 4.º acto, o *clou* da opera.

É extraordinario o modo porque Duvoyod faz essa scena e o publico enthusiasmado e admirado com a revelação d'essa scena collossal que até hoje nunca vira na opera de Gounod, fez uma ovação ao grande artista.

Fallaremos de mademoiselle Fossa n'outra opera, porque *Margarida* não foi para ella um triumpho, e porque vae longa esta chronica, a ponto de termos de deixar ainda para outro dia o livro do sr. Benevides, e uma porção de livros novos que nos foram enviados do Rio de Janeiro.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL JULIO ROCA

PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA

Um dos homens mais eminentes, uma das figuras mais sympathicas da Republica Argentina é, sem contradicção, o general Julio Roca, actual presidente da Republica.

Joven ainda, d'uma physionomia cheia de firmeza e ao mesmo tempo de uma certa doçura, o general Roca é um d'aquelles homens com quem se sympathisa e que nos captiva á primeira vista.

Não tendo nunca desmentido um só instante a opinião que sempre d'elle se havia formado, mostrou se em todas as circumstancias digno da alta confiança que soube inspirar, até aos que eram seus inimigos politicos.

Filho d'um antigo coronel da guerra da Independencia, educado, por occasião das dissensões politicas, no meio dos combates e das ballas, o joven Roca crescia nos campos de batalha, onde creou paixão pela carreira militar, e aquelle espirito de disciplina que forma os bons soldados. Cheio de bravura e de coragem, em todos os combates, em que tomou parte, soube tornar-se notavel

Da edade apenas de trinta e oito annos, Julio Roca foi nomeado general e commandante em chefe das fronteiras interiores, e depois, ministro da guerra. Foi então que emprehendeu essa obra immensa que tantas vezes tinha meditado e na qual tantos outros haviam naufragado: a conquista da Pampa, a submissão dos Indios.

O general Roca chegou a Buenos-Ayres, e depois d'uma longa doença, de que esteve quasi á morte, tomou posse do seu ministerio.

O ministerio da guerra sob a influencia d'uma intelligencia superior que se estreiou por uma reorganisação completa no exercito e na marinha, tomou uma actividade até então desconhecida

Instrucções minuciosas, ordens exactas foram enviadas a todos os commandantes das fronteiras; as tropas operaram conjunctamente e bem depressa o telegrapho transmittiu de todos os pontos da fronteira a noticia d'uma série de victorias ganhas contra os Indios, e da conquista dos seus dominios.

A derrocada completa do imperio barbaro da Pampa effectuou-se com uma rapidez vertiginosa: o bom exito coroava todos os emprehendimentos. As expedições parciaes davam todos os dias em resultado a dispersão de tribus inteiras, o livramento de captivos, a captura dos principaes caciques (chefes de tribu).

Depois d'algum tempo de descanço, o general Roca preparou a grande expedição que devia assegurar definitivamente a posse dos desertos do Sul, estabelecendo a linha militar do Rio Negro, e d'ella tomou o commando.

Esta expedição começou em abril de 1879 e foi terminada no mez de junho seguinte. Cinco columnas dos tres exercitos da Republica entraram simultaneamente na Pampa e, n'este curto espaço de tempo, varreram vinte mil leguas de deserto.

Foi o fim do poderio dos Indios. A civilisação acabava d'esmagar a barbarie. Esta obra gigantesca, que se tornou uma gloria nacional, foi o general Roca quem a assignou.

Em 12 de outubro do anno de 1880, as camaras nomearam o general Julio Roca, presidente da Republica Argentina.

Foi assim que a nação demonstrou a sua gratidão e reconhecimento para com o homem que tão poderosamente contribuiu para o seu engrandecimento physico e moral.

HENRIQUE CONSCIENCE

Na lingua flamenga, hoje pouco estudada, e pouco conhecida, ha escriptores de merito consideravel que tem sabido conservar nas suas creações originaes, imaginosos, possantes, o caracter forte e vigoroso d'essa nação pequena no mundo mas grande na Historia.

Dos modernos escriptores flamengos Henrique Conscience, fallecido ha cerca d'um mez era o mais notavel e importante.

Nascido na Antuerpia em 1812 de pae francez e de mãe belga, Henrique Conscience dec diu-se completamente pela nacionalidade materna.

O seu pae fôra armador de navios, e soldado francez, sua mãe era uma genuina flamenga, e flamengo genuino foi Henrique Conscience tanto na litteratura, como no enthusiasmo, como no patriotismo.

Em toda a Belgica a invasão da lingua franceza não encontrou mais energico antagonista do que esse filho de francez.

Patriota ardente, pegou em armas na revolução belga de 1830, servindo no posto de sargento-mór.

Ao deixar as armas, continuou com a penna a sua grande obra patriotica.

Dedicando-se ao magisterio particular para ganhar a vida, foi pouco a pouco enriquecendo a litteratura flamenga com os seus excellentes romances historicos e sociaes, que são a glorificação, a historia, o retrato do povo da velha Flandres. Um dos seus mais notaveis livros, *Anno de milagres* que é a historia da lucta da liberdade flamenga contra a tyrannia hespanhola, chamou a attenção do rei Leopoldo I, que lhe concedeu, como estimulo a novos trabalhos, uma modesta pensão.

O estimulo não foi perdido, e no anno immediato Henrique Conscience, publicava o seu romance historico, *O Leão de Flandres*, que é considerado a sua obra prima.

Em 1845 nomeado professor da Universidade de Gand, Henrique Conscience foi pouco tempo depois chamado para ensinar litteratura e a lingua flamenga aos filhos do rei. Leopoldo II, o actual rei da Belgica foi seu discipulo.

As obras principaes de Henrique Conscience são *O Conscripto*, *Rosa a Cega*, *A Estalajadeira d'aldeia*, *O Fidalgo pobre*, *O Avarento*, *O Demonio do Ouro*, *A praça d'Aldeia*, *O Demonio do Jogo*, e muitas outras que rapidamente se tornaram populares pelo seu robusto tom moral e são, pela sua sincera sympathia pela vida domestica das classes ruraes, pela verdade dos seus caracteres, pelo seu humorismo ligeiramente ironico, atravez do qual transparece uma sã e vigorosa moral.

Henrique Conscience publicou tambem varias recopilações de poemas flamengos.

EGREJA DE S. JOÃO BAPTISTA DE THOMAR

Escassos são os subsidios que nos fornecem os livros impressos e os manuscriptos a respeito d'este monumento, cuja torre é um dos raros exemplares d'essa construcção architectonica, do periodo de D. João II a D. Manuel, ou da passagem do gothico puro, para o gothico florido.

Parece-nos inedita e porisso a apresentamos aos nossos leitores. Não é pela harmonia do conjunto que prima este templo, antes a singeleza da fachada, belleza do seu portal, occulo e coroamento, não estão de accordo com a grossissima torre.

Não sabemos em que epoca foi edificada a egreja, pois Pedro Alvares encarregado de colligir e tombar os documentos de Thomar, apenas passa por ella de leve, sem nos dar o minimo esclarecimento. O que sabemos, pelo que deixou escripto em um livro de traslados, copias e apontamentos, Alvaro Florim, que foi escrivão da misericordia de Thomar, desde 1529 e ainda vivia em 1581, livro existente hoje na Torre do Tombo,

El-Rei D. Manuel foi *aforrado* em 1502 a Thomar, vêr as obras que mandára fazer no convento e no corucheo da Torre de S. João Baptista, parecendo pois que é esta a unica obra d'aquelle monarcha n'esta egreja, e o resto anterior.

Em 1559, segundo o mesmo A. Florim, das 4 para as 5 da tarde do dia 20 de setembro, cahiu sobre Thomar uma grande tempestade de chuva e trovoada, e entre outros desastres, uma faisca electrica penetrou no corucheo d'esta egreja, causando-lhe alguns estragos, assim como no relogio, descendo pela escada, á qual destruiu um degrau.

D. Manuel fez d'esta egreja capella Real, dando-lhe, cabido, composto de 9 beneficiados, 1 vigario do côro, thesoureiro e organista, 3 meninos do côro e sachristão. Tinha um cura que parochiava intra-muros. Em 1571 permittiu-se a Fernão da Costa fundar uma capella na Egreja, e a Martim Correa da Silva que trasladasse para a capella-mór os ossos de seus paes. Em 1577 estabeleceu-se o ordenado de 3$000 réis para quem n'ella ensinasse doutrina christã. Em 1622 se permittiu a D. Maria Vieira instituir alli outra capella, e em 1642 se approvou a D. Luiza de Magalhães outra instituição similhante para seu jazigo. Em 1681 auctorisou-se o cura a vender uma capella pertencente a esta egreja, e, além da nomeação dos diversos funccionarios, nada mais podemos colher nem nos registos e ms. d'onde extrahimos estas noticias, nem das obras impressas.

Mas porque de momento se não possa investigar melhor o assumpto, nem porisso deixa a egreja de S. João Baptista de ser um monumento architectonico, precioso e um exemplar digno de estudo.

DEZ DIAS EM HESPANHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do n.º 1, 3)

V

Quando no dia immediato ao da minha chegada a Madrid entrei no Museu do Prado, ia ingenuamente munido da minha carteira e do meu lapis, para tomar os apontamentos necessarios para um artigo a respeito do museu.

Quando entrei na primeira sala fechei a carteira, quando cheguei á galeria da rainha Izabel, metti-a na algibeira, envergonhado da minha simplicidade saloia.

Depois fui tres dias ao Museu, demorei-me lá o maximo do tempo de que podia dispor no meio da tarefa enorme das festas officiaes, e não vi o Museu.

É tal a multidão d'obras primas, o agrupamento de maravilhas da arte, que o primeiro effeito causado pelo museu de Madrid é um deslumbramento enorme, que só permitte ao profano que ali entra a adoração silenciosa e estupefacta do musulmano ao entrar na mesquita

Depois, quando se principia pouco a pouco, a individualisar no meio d'esse colossal agrupamento de primores, quando se começa a destacar cada quadro de per si, as horas fogem rapidas na contemplação d'essas obras immortaes, e quando a sineta toca a sahida repara-se que ainda se está defronte do mesmo quadro que se principiára a ver.

Raphael, Murillo, Velasques, Goya, Rembrandt, Durer, Ticiano, eu sei lá, todos os immortaes da pintura, estão representados pelas suas obras primas n'essa galeria extraordinaria que é um protesto colossal contra a imperfeição do homem.

O museu do Prado, não se descreve, nem n'um artigo nem em rumas enormes de grossos infolios.

Ha só um modo de fazer d'elle uma idéa verdadeira, é vel-o.

Escuso de estar a gastar inutilmente a minha prosa; gastem v. ex.as um bilhete do caminho de ferro, e garanto-lhes que o não gastam inutilmente.

* * *

Uma das noites mais deliciosas que passei em Madrid foi a noite da *velada* offerecida pela Associação dos Jornalistas madrilenos aos jornalistas portuguezes.

A casa da Associação, na calle de Clavel, é pequena, mas estava adornada com muita elegancia.

Nos jornalistas hespanhoes que nos receberam a nós portuguezes, havia a franca expansão d'amisade, a lhaneza alegre e despretenciosa de confrades e de amigos que se abraçam depois de curta ausencia. A maior parte dos portuguezes que ali estavam eram pessoalmente desconhecidos dos hespanhoes que os recebiam: entretanto, a frieza pautada da etiqueta não teve o seu logar n'essa festa de confrades, e a alegria mais sincera, mais jovial, mais intima fez rapidamente amigos d'esses desconhecidos da vespera.

O presidente da *Associação* que então occupava um logar importantissimo na Hespanha, o de ministro das colonias, o sr. Nunes d'Arces, cujo retrato o *Occidente* publicou ha dias com uma esplendida biographia escripta por Pinheiro Chagas, é não só um dos poetas mais notaveis da Hespanha de hoje, uma das capacidades mais importantes do seu paiz, como tambem o homem mais simples, mais amavel, mais delicado e mais sympathico que se póde imaginar.

N'essa noite da *velada* o sr. Nunes d'Arces foi infatigavel em attenções e em delicadesas para com os portuguezes, empenho em que o auxiliaram todos os jornalistas hespanhoes.

Foi alli que tomámos conhecimento com muitos dos nosssos confrades mais illustres da Hespanha: foi alli que conhecemos Emilio Arrieta, o grande maestro que Portugal todo tem applaudido e victoriado nas suas zarzuelas tão brilhantes e tão populares: com Emilio Ferrari, um poeta distincto, e um auctor dramatico de muito merecimento *doublé* d'um excellente rapaz, modesto, sympathico e delicadissimo, cujos versos de recepção aos portuguezes, demos em tempo n'uma das nossas *chronicas occidentaes;* foi alli que pela primeira vez apertámos a mão a Elena Sanz, que é uma das maiores glorias artisticas da Hespanha, e a quem devemos os momentos mais deliciosos que passamos em Madrid.

Elena Sanz é uma formosa hespanhola, de grandes olhos negros, humidos e brilhantes, que occupa no mundo lyrico não só da Hespanha mas da Europa, um dos primeiros lugares

É uma cantora *hors ligne*, que Paris já applaudiu doidamente e por quem morrem as platéas do Brazil.

Elena Sanz está ha annos retirada do theatro, com grande magua de todos os *dilletanti*, pois a illustre cantora afastou-se da scena por motivos particulares, e não por decadencia dos seus recursos vocaes que estão ainda em completa e gloriosa plenitude.

Na *velada* da Associação dos jornalistas madrilenos, Elena Sanz, por graciosa amabilidade para com os portuguezes fez ouvir a sua voz magnifica.

Cantou umas romanzas italianas com grande *successo*, mas quando esse *successo* tomou verdadeiramente as propoções d'um triumpho colossal foi quando a formosa hespanhola se sentou ao piano, e as teclas começaram debaixo das suas brancas mãos a gemer os suspiros amorosos das malagueñas e a sua voz deliciosa a encher o exterior das salas com as notas plangentes, voluptuosas, sensuaes da musica hespanhola.

Para nós foi uma completa revelação essa musica.

Cantada assim, por uma grande cantora, por uma hespanhola de raro talento, e de graciosa formosura, essa musica, não se parece nada com as malagueñas, habaneras e peteneras, que temos ouvido por ahi cantar nas zarzuelas; é uma musica nova, extranha, original, deliciosa, que não tem nada que se lhe comparar no mundo da melodia e que faz vibrar profundamente a nossa alma e a nossa carne.

A ovação feita pelos jornalistas portuguezes maravilhados á extraordinaria cantora foi enorme. E durante mais de uma hora ella esteve ao piano cantando essa deliciosa musica que nos embriagava como um licor desconhecido, e que nos deixou uma recordação deliciosa, ineffavel que não se apagará nunca.

Gervasio Lobato.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

V

(Continuado do n.º 171)

Quando atraz disse que cessando as noticias do padre Bartholomeu Lourenço em 1709, só as tornavamos a encontrar em 1716, commetti uma inexactidão, por esquecimento.

Em 1710 publicou a officina Real Deslandense um opusculo de 13 pag. de 4.º intitulado *Varios modos de esgotar sem gente as naus que fazem agua, offerecido ao muito alto e muito poderoso rei de Portugal e dos Algarves D. João V Nosso Senhor. Pelo Padre Bartholomeu Lourenço*, ao qual se segue uma traducção latina em 8 paginas e uma estampa descriptiva no fim.

Este opusculo, cuja importancia e utilidade os homens de profissão devem julgar, prova que se o padre Bartholomeu Lourenço sahiu de Portugal logo depois da experiencia do seu aerostato, a sua demora fóra do paiz foi de pouca duração, e o successo mais ou menos favoravel da sua tentativa não lhe arrefeceu o animo, para empregar a lucidez e actividade do seu espirito em novas applicações e descobrimentos de utilidade geral. Este opusculo tambem nos mostra, pela sua dedicatoria, que Bartholomeu Lourenço não havia ficado em mau cheiro para com o monarcha, porque não lho dedicaria sem para isso ter obtido o seu beneplacito previo.

Se este facto não fosse sufficiente para demonstrar que o padre Bartholomeu não perdera a graça do monarcha, como pretende inculcar a memoria burlesca já citada, seria sufficiente para proval-o a seguinte obra publicada em 1712.

Sermão da Virgem Maria Nossa Senhora em huma festa, que a devoção de Sua Magestade lhe dedicou em Salvaterra. Lisboa, na mesma officina.

Ve-se por este sermão, que ainda não pude lêr, que Bartholomeu Lourenço acompanhava a côrte em suas excursões, e era escolhido para prégar em algumas das suas festas; e por ambos estes opusculos se conhece que se mandavam imprimir na Officina Real typographica as suas producções litterarias e scientificas, o que importa favor constante da côrte.

D'aqui em deante faltam em verdade as noticias até 1716, e não se póde explicar bem o motivo porque estando elle em Portugal, não continuou a frequencia da Universidade de Coimbra.

E' em 1816 que torna a apparecer n'ella.

Frequenta de 1716 a 1717 o 2.º anno da faculdade de canones, matriculando-se com certidão de frequencia do 1.º anno de 1708 a 1709.

De 1717 a 1718 frequenta o 3.º anno, e o 4.º de 1718 a 1719.

Durante o anno de 1718 celebraram os estudantes da Universidade uma festividade á Senhora do Desterro, em um triduo, cabendo o ultimo dia aos estudantes Ultramarinos. Bartholomeu Lourenço foi escolhido para prégar na terceira tarde.

O seu sermão é na realidade bonito, e tem lances que acreditam a fama que elle gozava de bom prégador. A sua imaginação e sentimentos estão retratados n'este sermão e por isso copiaremos um formoso trecho que resume, como que a materia de todo elle, e é ao mesmo tempo a expansão poetica d'uma alma que sabe sentir:

«Eu bem sei que todos os que vem a esta Universidade deixam a patria: mas nem todos como a Senhora do Desterro. Os que não são Ultramarinos, deixam-a para a tornar a vêr todos os annos. Partem o seu amor entre a natureza e a sabedoria, entre a patria e os estudos. Ausencia que não chega a anno, não é ausencia, nem póde produzir saudades. A maior parte das aves deixa todos os annos os ninhos sem repugnancia, porque passados sete mezes hão de voltar a vel-os. Só os ultramarinos imitam fielmente a Senhora do Desterro, que tamhem passou sete annos desterrada, sem ver a patria. Que difficultosa, que admiravel resolução! Quem ha que vendo o sol voltar todos os annos á mesma casa d'onde saíu, e vendo-se fóra da sua, o não combatam as saudades da patria? O coração se aperta e se angustía, os olhos apenas retem as lagrimas, a memoria nos afflige sem cessar; o sitio da patria, as conversações, os amigos, as sahidas, os divertimentos, tudo nos anda deante dos olhos, tudo nos martyrisa. Este ar era mais benigno, as aguas mais puras; o inverno não era tão aspero; as arvores nunca eu as vi lá sem folhas, os campos nunca lá estavam sem fructo. Que tristes correm agora as fontes, e que alegres as vi eu já correr em quanto Deus quiz. Ah! patria, patria, quam longe estás! As tuas mesmas pedras, os teus mesmos mattos incultos e asperos, que alivio me não dariam agora se podesse vel-os! Que hei-de viver tantos annos desterrado! Que peito ha tão de bronze, que não arrebente de dôr e de saudade? E que a tudo isto se façam surdos os ultramarinos para vir buscar a sabedoria! Que ella só enxugue tantas lagrimas! Que admiração e que alegria para a nossa Universidade! Mas quanto maior para aquella mãe de sabedoria, tambem desterrada!»

(Continúa.)

Brito Rebello.

O MOSTEIRO DE AROUCA

I

UM FRAGMENTO DE HISTORIA PATRIA

Após um reinado longo e fecundo, quasi todo dispendido em fazer povoar e agricultar o paiz, com tanto esforço arrancado das mãos dos agarenos, finava-se Sancho I, minado por dilatada e cruciante agonia. O seu espirito recto, o seu caracter firme e altivo, debilitára-lh'os consideravelmente a dolorosa enfermidade, a ponto de o fazer entregar-se, humilhado e submisso, em poder do clero, com quem tanto contendera, e que a esse tempo formava um corpo compacto, solidario e forte, quasi arcando hombro a hombro em poderio com a auctoridade real.

Bem merece em verdade da Historia o segundo monarcha portuguez. Foi elle quem mais generalisou os privilegios municipaes, alargando a instituição dos *concelhos*, que libertavam as camadas populares da quasi servidão em que haviam rastejado durante seculos, e principiavam a formar uma classe social cada vez mais unida e preponderante. Depois de se haver desatado em repetidas e utilissimas demonstrações de affecto para com a nação, arroteando baldios, semeando charnecas, reconstruindo cidades, concedendo fóros, organisando concelhos, fortificando visos de montes e povoando solidões, quiz mostrar-se pae amante e generoso para com a sua numerosissima prole, redigindo um testamento pejado para ella de valiosas doações.

HENRIQUE CONSCIENCE

Receiando que o herdeiro da corôa não quizesse ao depois cumprir as suas ultimas disposições, exigiu-lhe por mais de uma vez juramento solemne de que se não insurgiria contra a sua derradeira vontade; e nem com esta precaução se contentou Confiando pouco na sinceridade do filho, quiz por alguma fórma compellil-o, sendo necessario, a respeitar o testamento; e n'este intuito fez com que varias summidades ecclesiasticas, militares e civis do reino jurassem, que *por todos os meios* o executariam e fariam executar.

Na verdade, vira Affonso II com maus olhos e admittira de má vontade os amplos legados, que seu pae deixára aos outros filhos, não só lidimos, como tambem bastardos; e logo resolveu de si para si intentar-lhes um longo processo de expoliação. Por isso, ao subir ao throno, apezar de naturalmente hostil á reação religiosa, que conseguira subjugar seu pae, dissimulou por bôa e sagaz politica a sua malquerença aos da egreja, e mostrou-se sobremaneira inclinado não só ao clero nacional, que tambem ao proprio pontifice. E esta extrema condescendencia para com os ecclesiasticos, longe de ser sincera, significava apenas n'elle o proposito occulto de chamar a si o clero com demonstrações de benevolencia, para o ter a seu lado durante o debater das graves contendas que ia suscitar.

Tentou pois o novo monarcha illudir sobretudo suas irmãs, as infantas

RUINAS DA REAL FABRICA DE FIAÇÃO, EM THOMAR, DEPOIS DO INCENDIO DE 29 DE AGOSTO DE 1883. — Vid. artigo a pag. 203 do presente vol.
(Segundo uma photographia de A. S. Magalhães)

D. Thereza, D. Sancha e D. Mafalda, quanto aos legados do pae.

E diga-se em abono da verdade, que as pretenções do rei contra ellas tinham fundamento legitimo: não só a doutrina contida nas resoluções do concilio de Toledo,— exordio do codigo wisigothico e base das leis politicas com que começára a viver a monarchia,— e em virtude das quaes o patrimonio real passava integralmente do rei fallecido para o successor, não podendo reverter em beneficio dos filhos senão os bens adquiridos antes d'elle obter a corôa; mas ainda a bulla, mais recente, de Alexandre III, confirmando a dignidade de rei e a posse do reino a Affonso Henriques e seus successores, na qual o papa ordenava que se respeitasse a integridade dos dominios do novo estado e se lhe restituisse logo qualquer cousa que lhe houvesse sido tirada.

Travou-se renhida a lucta, sustentada pelo animo altivo das infantas, que haviam sollicitado do papa a confirmação dos seus dominios. A D. Mafalda coubera o mosteiro de Arouca e o de Bouças por testamento, e já antes possuia o de Tuya na diocese do Porto. *El-Rey D. Sancho seu pay*

THOMAR — Egreja de S. João Baptista. (Segundo uma photographia de A. S. Magalhães)

leyxou em seu testamento para soportamento de sua vida, e estado, dez mil maravides douro, e duzentos marquos de prata, e mais ha Egreja de Bouças, e Moesteyro Darouqua, da Ordem de S. Bernardo, que ella novamente fundou, e nelle acabou onesta, e santamente sua vida, e ahy jdas sepultada (1). O papa attendeu-a, bem como ás irmãs, e incumbiu aos prelados de Compostella, Guarda e Lisboa a execução da bulla relativa a Mafalda. Esta porém, conhecendo que a força estava de lado do rei, seu contendor e irmão, procurou, para resistir melhor, associar aos seus interesses a ordem do Hospital, doando-lhes o dominio de Bouças e dos outros logares, e reservando só o usofructo para si. Resolvida já então a viver vida monastica, fazia assim aos hospitalarios uma doação vantajosa, nada perdia, e impedia que a corôa viesse a ser sua herdeira.

Estabeleceram-se logo em Bouças os freires jubilosos; emquanto Affonso II, afervorando na contenda, invocava já contra as infantas a bulla de Alexandre III, porque de mais a mais a confirmação, por ellas alcançada de Innocencio III, apenas se referia ao direito do padroado e nunca ao senhorio do mosteiro. Por fim o rei empregou a força, mandando occupar Bouças; os freires aggravaram para o papa; e depois de uma enfadonha e vergonhosa questão de letigio, em que vieram a lume impellidas pela cubiça varias miserias domesticas, entre ellas a questão da insensatez do rei Sancho, a infanta foi, ao menos em quanto a Bouças, esbulhada da herança paterna.

Entretanto, na primavera de 1213, pela morte de Affonso VIII de Castella recaiu a corôa d'este reino poderoso na fronte ainda mal endurecida de um rei menino, Henrique, unico filho varão que restava dos que Affonso VIII houvera de sua mu-

(1) Ruy de Pina. — Chronica de D. Sancho I.

lher. Nascêra Henrique em 1202, contando, portanto então pouco mais de 10 annos.

A rainha viuva, sua natural tutora, apenas sobreviveu alguns dias ao marido; e assim a real creança, perdida no meio do *mare magnum* das ambições palacianas, não tardou que fosse disputada com afinco pelos aulicos sedentos de mandar. O conde Alvaro Nunes de Lara e D. Berengaria, irmã mais velha do moço rei e rainha de Leão, eram os dois maiores pretendentes ás culminancias do poder. Por fim Lara preponderou, insinuou-se completamente no debil animo do rei e empenhado em abater por todos os modos a influencia, ainda assim consideravel, da rainha Berengaria, que o guerreava sem treguas, lembrou-se, entre muitos outros alvitres, de procurar allianças exteriores. Eis como a este respeito se exprime fr. Antonio Brandão: *A mesma Rainha D. Berenguela se resintiu gravemente da pouca satisfação que D. Alvaro dava n'aquelle lugar, e fez diligencias para que procedesse sem escandalo. Mas ou fosse culpa, ou desgraça de D. Alvaro, nas cousas de governo, e justiça se não sentio melhoria alguma. Temia-se grande rompimento, porque, D. Lopo de Haro, e seu filho D. Diogo, D. Gonçalo Rodrigues Gyron, e outros grandes contradiziam a D. Alvaro em publico, e em secreto. Não ha quem em materia de sua conservação não seja industrioso; e assim vendo D. Alvaro serem-lhe necessarios soccorros de fóra do Reyno... mandou Embaxadores a ElRey D. Affonso de Portugal...* (1).

(Continúa.) *A. A.*

O ALTO CONGO E AS ESTAÇÕES DE STANLEY

(Continuado do n.º 172)

Na manhã do quinto dia chega-se a *Manyanga*. Este nome significa «cidade sobre um monte», o que ella é verdadeiramente. A elevação é tal, diz um viajante, que quem tiver fracos pulmões, ou fôr de coração irresoluto, se espantará da subida, quando vir ante si a sinuosa estrada, e exitará se não deve antes pedir hospitalidade á pequena e confortavel missão Baptista, que jaz no seio de um arvoredo sobre a margem do rio.

O chefe de Manyanga ordinariamente desce do seu ninho ao encontro dos hospedes, emprestando-lhes seguros bordões, e apoiados n'elles, e illudida a escarpada subida pelo variado torneio de perguntas e respostas, de que elle sabe lardear a sua agradavel conversa, acham-se inesperadamente, e sem fazerem a menor queixa, em frente da varanda da residencia principal, d'onde se gosa uma bella vista.

Ahi passam-se os dias deliciosamente, por que o chefe, agradavel e intelligente cavalheiro, sabe tornar a vida na estação o mais commoda possivel para os seus hospedes.

Quando chega algum branco de novo, ordinariamente o rei visinho vem fazer uma visita á estação, para o vêr, já se vê esperançado sempre em que a visita lhe renda algum pedaço de algodão. Chama-se o rei d'aquelle sertão Mlongo-Mtêko. Ha pouco tempo esteve para ser victima da superstição do seu povo. Havendo adoecido a mulher de um dos seus chefes, veio a morrer. Segundo o costume da terra, o medico (preto) chamado não para tratarem da doente, mas para dizer quem a tinha enfeitiçado reuniu uma especie de junta.

A sua declaração foi de que tinha sido o rei Mlongo o autor do feitiço. Depois d'esta declaração o desgraçado Mlongo não podia eximir-se a beber a agua envenenada para satisfazer á *lei*. Succedeu porém apparecer ali um missionario, e este, conhecendo a angustia do rei, fallou ao povo e conseguiu fazel-o descer da sua louca superstição. Para agradar a este homem o rei foi perdoado, com alguma relutancia; mas não nos enganemos: a superstição entre elles tambem não vem tanto do embrutecimento, ha uma dóse de patifaria á mistura. O crime de Mlongo não era tanto o ter enfeiçado a mulher do seu subdito, como de ser um grande avaro.

A avareza é o mais *negro* dos crimes, entre aquelles negros, e se o rei Mlongo tivesse o salutar costume de distribuir a sua genebra, aguardente e o seu algodão pelos seus subditos, nem o seu amado povo o teria alcunhado de feiticeiro, nem o seu herdeiro principal teria sido tão activo na accusação.

Salvo Mlongo, julgarão talvez que elle agradeceu ao seu salvador ou o presenteou? Não se passam assim as coisas na região do Congo. Effectivamente elle dirigiu-se a Manyanga a visitar o seu bemfeitor, mas immediatamente em graça e reconhecimento do grande regosijo de ter sido salva a sua vida, exigiu uma peça d'algodão.

Por occasião d'esta visita era elle acompanhado pelo viuvo *inconsolavel*, cuja esposa se suppunha ter sido enfeitiçada por Mlongo. Estavam ambos na mais perfeita harmonia, e o viuvo que tinha emboldriado a feissima carantonha com carvão (!) em signal de tristeza, entregou-se sem reserva á mais completa alegria, dizendo a alguem da missão que pensava casar-se breve.

Grupos de Zanzibares, ao serviço de Stanley, apparecem n'estas diversas estações, para fazerem o transporte e guarda de passageiros e mercadorias.

Como porém succede ordinariamente nestas localidades, quando o viajante está prompto para partir, sobrevem a chuva, que o obriga a suspender a jornada, e a demorar-se, esperando vãamente que aquella cesse.

O viajante, cuja relação seguimos e resumimos, diz que pela tarde, precisamente para adiantar um passo atravessou a ribeira, o necessario para sahir d'alli e tomar a direcção de Stanley-Pool, pela estrada do sul. Passou uma noite miseravel, por que a chuva cahia intermittentemente, e a terra, onde haviam firmado a barraca, tornou-se uma especie de pantano, de tal maneira que os pés de ferro da cama se foram enterrando n'ella, pelo peso do corpo, até que elle com a roupa da cama, se achou quasi ao nivel da herva enlodada. Comtudo pela manhã sofria apenas de uma grande dôr de garganta, e seguiu ávante, com muitos africanos, tambem incommodados, mas desejoso de alcançar a estação seguinte, Luteté, onde effectivamente chegou, ainda com claridade sufficiente para distinguir a vereda que conduz á residencia principal.

Foi recebido pelo chefe com uma cordeal «boa-vinda» isso era natural. Na realidade, diz elle, a hospitalidade que qualquer recebe ao chegar a uma estação d'Africa, é sobremaneira affectuosa, e todo aquelle que vos recebesse friamente, depois de vos terdes arrastado até á sua estação, debaixo de um sol ardente, caminhando por cabeços pedregosos, ou atravessando ribeiras caudalosas, seria um villão deshumano.

N'essa noite o viajante dormiu confortavelmente em um quarto, com roupas seccas e acordou no dia seguinte sem dôr de garganta. Com o chefe da missão foi n'esse dia visitar uma bella quédasinha de agua perto d'alli, chamada Ntombo. Esta palavra, porém, como depois verificou, significa, cataracta, ou rapido e é por conseguinte applicada a muitas quédas d'agua do Congo.

Ntombo e os limites d'este encantador sitio são um pequeno pedaço de terra coberto de fetos, alimentados em perpetua verdura pelo esparrinhar da quéda da agua.

As encostas do valleiro abundam de ananazes, que infelizmente estavam ainda verdes. O caminho era quente e fatigante, o que deu logar a apreciar-se a reflexiva benignidade de Luteté, o principe visinho, que lhes enviou opportunamente uma caneca de vinho de palma. Era tão bom e estavam tão sequiosos que beberam alguns copos d'elle.

Luteté, o grande chefe de quem a estação e a aldeia tomaram o nome, é um moço verdadeiramente intelligente, e edificou uma bella cidade indigena com casas maiores e mais bem construidas, do que se podem encontrar em outra parte, por muitas milhas á roda. E' rico, de modo que está habilitado a poder dominar a grande estrada do commercio do marfim para a costa; assim toda a mercadoria d'este genero, que vem de Stanley-Pool, lhe paga uma portagem ou siza, passando pelos seus dominios.

Elle vae muitas vezes á costa, i o Ambrizete ou outros pontos, d'onde volta, trazendo para seu uzo alguns pequenos objectos de luxo Gosta muito das grandes gravuras dos periodicos illustrados inglezes e as paredes da sua casa vêem-se cobertas de muitas das conhecidas estampas do *Grafico* ou da *Illustração Ingleza*.

Ainda pelos fins do anno passado elle não consentia a nenhum branco habitar proximo da sua aldeia, porém algumas palavras brandas, e muitos presentes conseguiram delir-lhe as suspeitas, e agora, segundo affirma o referido viajante, é um enthusiastico admirador de Stanley.

Provido de quatro gordas gallinhas, e de algumas novellas ou romances francezes, partiu o viajante reconhecido de Luteté. O paiz tanto antes como depois de Luteté é de aspecto inteiramente especial. Aqui e alli profundas gargantas, corregos, grutas, e despenhadeiros. Difficilmente se encontrará termos para designar as diversos fendas larguissimas, abertas ou modificadas pela agua, que vae rasgando o solo brando e avermelhado Parecem-se um tanto com aquelles extraordinarios valleiros dos arredores de Loanda.

O seu seio, porém, aqui, acha-se coberto de uma vegetação riquissima e que reveste as fórmas mais phantasiosas que é possivel conceber, e a julgar pelo ruido e guinchos que sobem e rompem do seio d'estes golfos verdejantes, estas occultas florestas devem ser povoadas de myriadas de aves e de macacos.

Qualquer d'estes profundos valles seria um manancial para um naturalista.

A alguma distancia depois de se haver deixado Luteté chega-se a uma alta chapada, atravessada pelo caminho dos indigenas, d'onde se póde tirar uma vista magnifica do rio d'Edwin Arnold, no ponto onde elle vem despenhar-se no Congo por tremendas cascatas.

As aguas d'este poderoso rio avistam-se exactamente, como se fosse um grande panno estendido ás peças sobre os cabeços povoados de arvoredo avermelhado, que se descobre pelos intervallos, porque a distancia a que nos achamos não permitte perceber o movimento da agua. Assim o lençol de branca espuma, faz em nós o mesmo effeito que se o vissemos em um quadro ou n'uma photographia.

A estrada por onde se caminha está bordada de plantas de ananaz, porque quando o fructo se come, cortam-se-lhe os olhos ou corôas, que se deitam fóra, mas elles prendendo-se logo ao solo e deitando raiz, fazem desenvolver a planta de tal modo, que as margens da estrada desde Luteté a Stanley-Pool é um tapete de ananazes Em algumas partes, especialmente nos fundos dos corregos, onde a terra é mais fresca, fórma umas balsas quasi impenetraveis de cada lado do caminho.

Os habitantes veem a estes valles e enchem os seus cestos com os dourados e bellos fructos, que tem agora a principal parte na sua alimentação. Em uma aldeia, onde chegaram aos dois dias de viagem, era uma verdadeira orgia com os ananazes. O povo indolentissimo vendia-os sem o minimo cuidado, e uma rapariga, completamente nua, a quem o viajante se dirigiu a perguntar quanto queria pelos ananazes que tinha no cesto, respondeu com o modo mais languido ao zanzibar que lhe servia de interprete: «Ahi os tem, leve-os, não é preciso pagal-os, póde tel-os de graça».

Os cães, os gatos, os porcos, as cabras, as aves, e as creanças tudo vive de ananazes. O povo apresenta uma coloração dourada, devido á quantidade de fructos maduros que absorvem, e as aves que se compram na localidade, possuem um cheiro inexplicavel, a não ser pela theoria do regimen exclusivo de ananazes.

Era quasi impossivel resistir alli a um descanso. Chegaram cerca das 8 da manhã e durante umas boas duas horas, assentados, se regalaram de ananazes. Com cestos cheios deante d'elles, tornaram-se desdenhosos; apenas escolhiam os fructos mais formosos, e ainda d'estes só se dignavam de saborear o centro de cada talhada.

O zanzibar estava junto do viajante, constantemente a descascar bellos fructos e a cortar a loira polpa em pedaços de tamanho tal, que a bocca os absorvesse, sem que se perdesse a mais tenue particula do seu precioso nectar

Tantos devorou que lhe perdeu a conta, e sómente a necessidade imperiosa de não perder mais tempo, poz termo ao seu excessivo goso. Poucos pedaços de cobre bastaram para pagar aquelle banquete, e os generosos indigenas lhes trouxeram ainda mais alguns cestos cheios para levarem comsigo pela jornada. Os homens, já iam bem carregados, mas apezar d'isso, jámais se recusam a supportar o augmento de semelhante pezo.

(Continúa) *J. B.*

HISTORIA DE MAGDALENA

(Continuado do n.º 173)

III

Principiei a amar o bulicio, e o ruido, e os prazeres vertiginosos; e a corrente dos gozos sensuaes levou-me, ora suavemente, como embalada á flor d'agua, ora violentamente, como impellida pelo embater da vaga.

Sacrifiquei toda a pureza da minha alma á vaidade caprichosa, ao luxo deslumbrante, ao delirio e ao requinte dos prazeres; e transformei-me n'aquella amante do ideal da formosura, e da af-

(1) Monarchia Lusitana. — Liv. XXXI, cap. VII.

feição santissima d'um coração immaculado, n'isso a que chamam mulher de marmore, com todas as exigencias desgraçadas da mulher do grande mundo.

Atrellei ao carro dos meus caprichos momentaneos milhares de infelizes, que vinham queimar-se na luz da minha formosura, e que eu esquecia depois, se os não torturava com o meu desprezo cruel.

Gostei de todas as delicias que póde dar o ouro e o mundo; embriaguei-me com os esplendores da minha auréola de rainha, e nem me lembrei mais d'aquella corôa de rosas brancas, que fôra na época ditosa da minha infancia a felicidade do meu coração de virgem.

Elle apparecia-me ás vezes nas tristes horas da recordação do meu passado; mas essas pobres memorias eram tão fugitivas... desvaneciam-se com o primeiro baile, ao primeiro galanteio de qualquer dos meus adoradores; e se me perseguiam, mau grado meu, remorsos ou saudades, eu arrojava-me ao turbilhão, á voragem dos grandos prazeres, das grandes emoções, e conseguia esquecer-me e viver.

Sempre me animava o pensamento de que havia de encontrar no fim o repouso do coração, a saciedade, o ultimo abraço da felicidade humana.

Quiz conhecer tudo o que o espirito pode desejar na terra; dei azas á minha imaginação, e não lhe attingi o limite a esse abysmo infinito dos desejos.

Hydra de fogo, o coração incendiava-se em novas linguas de chammas devoradoras, apenas se lhe apagasse a primeira.

Junto de mim gravitavam as maiores celebridades d'aquelle tempo.

Os artistas, os sabios, os poderosos, a aristocracia do ouro, a aristocracia do sangue, os espiritos fortes, os homens do mundo, tudo me rodeava e me incensava com as suas lisongeiras admirações.

Eu era o alvo de todos os triumphos; para mim subiam todos nas suas mais ardidas esperanças.

Tive occasião de estudar essa grande comedia humana, e estudei-a pertinazmente com a observação escrupulosa que procura o desconhecido, a solução do problema da felicidade, com todas as veras d'uma vontade inabalavel. Procurei, descobri tudo: — os grandes ridiculos, as pequenas miserias, as parvas fatuidades, as excellencias do talento assombrado, pela ignorancia petulante, a falsa virtude dos hypocritas e dos homens serios, os esplendores emprestados ao vicio civilisado, a mentira emfim avassalando tudo.

Conheci entre outros um homem, que o mundo considerava como virtuoso.

Era ministro da religião christã, e vivia na opulencia das primeiras dignidades da egreja.

Tinha sido em outros tempos sacristão na sua aldeia natal, fôra depois negociante de escravos na America, e mostrava agora aos filhos de Roma o annel brilhante do apostolado catholico.

Não devem admirar estas differentes phases da sua vida a quem souber o que póde a ambição, norteada para um fim determinado por uma vontade poderosa, como era a d'aquelle homem.

O mundo apontava-o como santo, porque elle sabia respeitar até á exageração as paixões dos outros, por mais vis e mais ignobeis que fossem, e sabia tambem disfarçar as suas na sombra da hypocrisia e da impostura.

Diziam-se d'elle acções, que indicavam uma bella alma, devotada ao cumprimento da religião da humanidade.

A caridade evangelica parecia resplandecer em todo o seu brilho soberano nos continuos soccorros, que elle prestava aos indigentes com as rendas avultadas, que lhe proporcionava a sua alta posição ecclesiastica.

Ao mesmo tempo sabiam os que o observavam escrupulosamente, que o apostolo da caridade consentia que vivesse na mais afflictiva pobresa uma sua irmã, que elle abandonára aos horrores da fome e da miseria, porque ella se deixou seduzir pelo escolhido do seu coração.

Eu ouvia com prodigiosa impassibilidade as admoestações virtuosissimas d'este patife, quando elle me pedia que empregasse melhor os bens que Deus me dera, soccorrendo os pobres e os ociosos, que lhe beijavam a purpura cardinalicia, e dobravam o joelho a um aceno d'aquelle potentado de Roma.

Reconhecendo afinal que perdia o seu tempo, desejando impor-me a sua detestavel virtude, resolveu-se um bello dia a fallar-me sem rebuço das suas disfarçadas intenções. Conservo de cór o dialogo, que se travou então entre mim e este discipulo do Nazareno, do doce e divino Jesus, de quem decerto não era um digno proselyto.

— Minha senhora, dizia elle mellifluamente, o homem que postergou os prazeres do mundo para se devotar á esperança dos mysteriosos prazeres do ceu, tem momentos em que soffre amargamente do coração.

O tom sentimental com que elle acentuára esta declaração engenhosa ia-me suffocando de riso; mas eu estava preparada para lhe responder.

— V. Eminencia soffre do coração talvez porque não pode abrir consolações a todos os que soffrem.

— O ouro abunda-me para mitigar todos os infortunios, de que tenha conhecimento, e o ouro parece-me que deve enxugar todas as lagrimas, e proporcionar todos os prazeres.

Tive desejos de esmagar logo este cynismo repellente, que affrontava assim os sentimentos mais nobres do coração humano ao pé de uma mulher; mas retrahi-me ainda.

— N'esse caso, continuei, não é facil comprehender a molestia de V. Eminencia.

O ar de ironia com que pronunciei estas palavras impressionou-o desagradavelmente; todavia aquelle caracter não era dos que desanimam á menor contrariedade; estava predisposto para se abalançar a tudo.

— A minha doença não é das que se medem pelos olhos do corpo; é toda espiritual, invisivel, intima; e por isso mesmo bem terrivel e dolorosa. O que me atormenta ha muito, minha senhora, é a sua formosura; o que me faz soffrer amargamente o coração é um amor profundo, que sinto, desde a primeira vez que a vi.

(Continúa) *Guimarães Fonseca.*

RESENHA NOTICIOSA

Henrique Harrisse. — Este illustrado advogado do Supremo Tribunal de New-York, estabelecido ha mais de doze annos na Europa, tem percorrido grande numero de archivos, investigado e examinado innumeros codices e documentos para restabelecer a verdade e esclarecer muitos pontos obscuros dos primordios dos descobrimentos realisados na America. Ainda o anno passado publicou um volume intitulado: *Jean et Sebastian Cabot, leur origine et leurs voyages,* onde se faz larga menção dos viajantes e cartas portuguezas, e já este anno tem concluida a impressão de outro volume, ainda mais interessante para nós, onde se acham pela primeira vez colligidos documentos ineditos importantissimos, e reduzido a um agrupamento critico e claro tudo quanto se tem podido obter com relação a dois navegadores portuguezes, cuja nomeada é grande, mas sobre cujas viagens pesava certa nebulosidade. Intitula-se o grosso volume: *Les Corte-Real et leurs voyages au Nouveau-Monde, d'après des documents nouveaux ou peu connus t rés des archives de Lisbonne, et de Modène, suivit du texte inédit d'un récit de la trois éme expedition de Gaspar-Corte-Real et d'une importante carte nautique portugaise de l'année 1502, reproduite ici pour la première fois.* — Esta memoria foi lida na Academia das inscripções e bellas-letras de Paris, na sua sessão de 1.º de junho, e contem para cima de 40 documentos, e cartas importantissimas e que illustram a nossa historia O infatigavel escriptor e investigador não pára, pois sahida aquella obra do prelo, já tem n'elle outra em dois volumes: *Christovão Colombo,* de que fallamos em outro logar e prepara outras duas: *Vasco da Gama à Lisbonne en Janvier de 1501. Récit inédit d'un temoin oculaire. Texte, traduction et notes,* a que se seguirá: *Jean Sebastien del Caro. Sa lettre a Charles Quint du 6 septembre 1527, décrivant le voyage de Magellan. Document inédit. Texte, traduction et commentaire.* Aguardamos com impaciencia a chegada da obra publicada e a publicação das restantes, pelo interesse que ellas tem para Portugal.

Revolução em Port-au-Prince. — Ha pouco tempo ainda rebentára um movimento n'esta importante cidade, mas cujas consequencias, felizmente, não tinham attingido muito graves proporções; o telegrapho vem, porém, agora entristecer-nos, dizendo-nos, com a sua linguagem concisa, que no dia 13 ou 14 do corrente rebentára nova revolução n'aquelle ponto, mas com os gravissimos factos de ter ficado destruida metade da cidade pelos incendiarios e pelo bombardeamento, havendo muitas mortes, e tendo sido o resto das casas entregues ao saque. Estavam no porto cinco navios de guerra extrangeiros, não podendo nós, das simples palavras do telegrapho, deprehender, se foram estes que operaram o bombardeamento.

Rey Collaço. — Este notavel artista que ha mais de um anno se achava em Paris, chegou, poucos dias ha, a Lisboa, onde tenciona demorar-se algum tempo. Consta que dará um unico concerto que será dedicado á *Sociedade philantropica academica de Coimbra.* O sr. Alexandre Rey Collaço foi tambem o anno passado brindado pela *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes* com o diploma de seu socio correspondente, em attenção ao seu notavel merecimento.

Monumento a Ratazzi. — No dia 7 do corrente foi inaugurado em Alexandria (Italia) o monumento erguido á memoria do commendador Urbano Ratazzi, um dos maiores obreiros da unidade italiana, collaborador e amigo de Cavour. A solemnidade foi imponente, e quando o rei de Italia se descobriu, saudando a estatua do grande cidadão, acclamações estrepitosas romperam de toda a parte ouvindo-se: — «Viva o rei, Viva a unidade italiana, Viva a Italia una.» Um sol esplendido abrilhantava e banhava esta grande solemnidade patriotica e nacional, notando-se apenas a falta da filha do grande homem, cujo logar de honra estava vazio, ao que se julga por um transtorno de communicação telegraphica ou postal.

Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes. — Este gremio importante dos nossos litteratos e artistas, que infelizmente não tem sido bem animado, pelos que deviam ter o maior interesse em o fazer progredir, estabeleceu agora um curso publico de disciplinas que é mais do que um lyceu. Aberta a matricula os concorrentes foram immensos, e tanto que foi necessario desdobrar alguns cursos, funccionando as aulas nas sallas da Associação e da Sociedade de geographia. Prospero resultado de tão nobre tentativa, que é a execução de um ponto dos Estatutos, é o que desejamos á importante *Associação,* á qual desejamos toda a ventura e desenvolvimento, como já provámos por factos

Carreira d'Africa Oriental. — Quando no nosso n.º 170 do corrente anno, noticiavamos a abertura d'esta carreira, por vapores de uma companhia ingleza, fizemos algumas reflexões sobre o assumpto, mas suprimimos outras, não só por não querermos alongar a noticia, mas tambem por não querermos ser alcunhados de pessimistas. Nós que sabiamos quão mal tinha servido a Companhia British India a navegação para Moçambique, quantas vezes tinha deixado de tocar nos pontos onde devia, e o mau passadio que dava a bordo, podendo dal-o melhor; nós que sabiamos quantas representações e autoações tinham sido remettidas aos governos portuguezes contra ella, sem que elles tomassem nunca o minimo procedimento a favor dos interesses de Portugal e dos seus naturaes, contavamos que o mesmo succederia na nova carreira e com a companhia que a faz, mas não quizemos pois fantaziar males. Viamos que a companhia tocava em seis portos portuguezes e se dizia *fazer escala* pelos do Cabo da Boa Esperança, Natal e Zanzibar; o contrario fôra asserção mais correcta, isto é, *vae aos portos do Governo do Cabo, Natal, e Zanzibar, fazendo escala por Lourenço Marques, Inhambane, Chiloane, Quilimane, Moçambique* e *Ibo,* agora vimos que o governo dispensou a companhia de tocar em *Inhambane* e no *Ibo (!),* por conseguinte fica uma *companhia ingleza, servindo as possessões inglezas largamente e escassamente as portuguezas, mas recebendo um bom subsidio de Portugal.* O nosso commercio tem a primeira e a mais grave culpa n'isto, e depois o governo que faz o que póde, mas nem sempre faz o que deve.

Terremotos — Em 1881 foram victimas de formidaveis terremotos as ilhas de S. Miguel, Ischia e Chio, como se póde ver a pag. 69, 93 e 120 do nosso 4.º volume; dois annos apenas são passados e Ischia, como dissemos a pag. 203 e 204, soffreu uma nova catastrophe mais espantosa e hor-

ENIGMA

Explicação do enigma do numero antecedente:
A verdade é como o azeite anda ao de cima d'agua

rivel, que nenhuma das que até hoje tinham cahido sobre aquelle infeliz Eden; S. Miguel escapou; mas Chio, a malfadada, soffreu no dia 24 do corrente novo estremeção. Não são conhecidos ainda os pormenores d'este infausto successo, mas o telegrapho, no seu laconismo, se nos permitte acreditar em uma catastrophe menor que a de 1881, infelizmente nos dá a certeza de que, se os desastres não foram grandes, já ha numero de victimas a lamentar. Parece que uma cadeia subterranea liga estes pontos, e que o abalo produzido n'um extremo, se repercute no outro. Esperamos que não seja mais consideravel o desastre e que a sorte de Krakatoua não caia sobre as poeticas insulas do Mediterraneo.

Conferencias pedagogicas. Os jornaes teem dado diariamente conta do que se tem passado n'estes ajuntamentos determinados por lei, e onde se discutiram pontos interessantes para o ensino e instrucção publica; os periodicos destinados a esta especialidade trarão desenvolvidos os diversos pontos discutidos, e decerto o relatorio das diversas circumscripções será publicado, e então poderá o publico melhor avaliar o resultado pratico d'estes importantes congressos, que estão destinados, se se conservarem sempre na sua altura serena e scientifica, a influir poderosamente no melhoramento da instrucção publica. A estreiteza da nossa folha não nos permitte mais do que fazer apontamento d'este facto novo e importante na vida nacional.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do Povo e das Escolas, *terceiro anno, oitava serie, 1883, David Corazzi, editor, empreza Horas Romanticas, premiada com a medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro. Administração: 40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 40, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro. — Numero 63. — Philosophia do direito.* É um assumpto importante, util de se conhecer, e que é o desenvolvimento de um dos capitulos do fasciculo xviii. *Noções geraes de Jurisprudencia.*

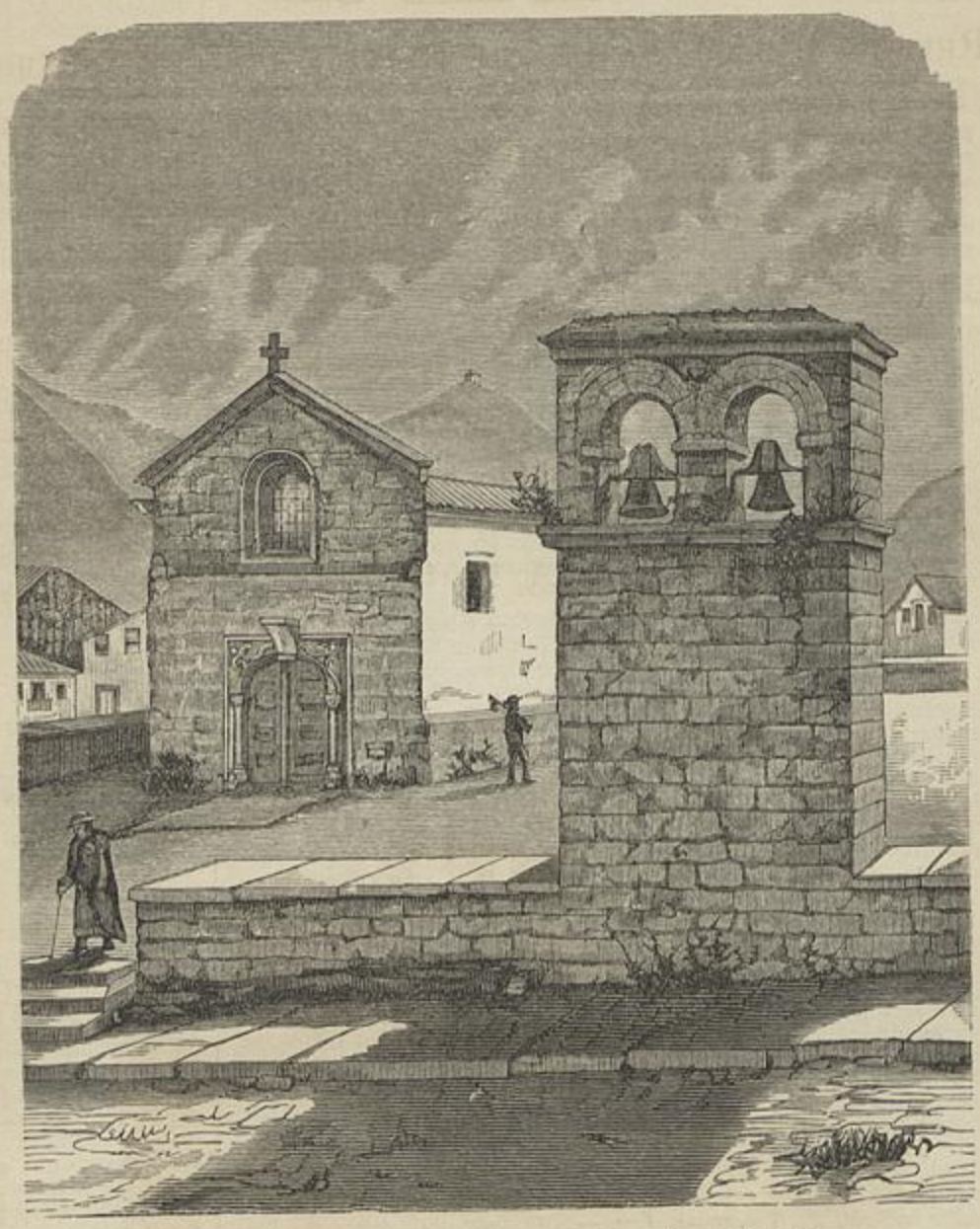
Les Matinées Espagnoles, *nouvelle revue internationale européenne, par M. le baron Stock,... saison d'été — deuxième edition française... Madrid, Calle de Montalban, 2; Paris, 5, Rue Logelbach.* Comprehende este fasciculo *Le parlement espagnol* por L. R; *A propos de la fête d'Ischia* — lettre de M. Mancini; *la dernière fée* por George de Peyrebrune; *Caritá* poesia, por Gigante; *Le huitième péché capital*, romance pela senhora de Rute; *Une silhouette des Debats de la Forge*, romance por Madame Rattazzi; *M. Cristoffle*, gouverneur du crédit foncier; *Les chemins de fer de la Galice; Tablettes de la finance*, Colbert; *Courrier de Vienne, de Paris e de partout Bulletin de l'exterieur* por Andres Borrego, e a continuação da traducção do *Primo Basilio.* — N.os 10 e 11 do 1.º e 7 do corrente, contém: *Le parlement espagnol, La semaine extérieure*, por André Borrego; *Herculano*, estudo pela sr.ª de Rute, com duas cartas de A. Herculano; *Le huitième péché capital*, romance pela mesma; *Le général François Pittié*, perfil; *Inauguration du monument d'Urbain Rattazzi, à Alexandrie; Tablettes de la finance: Courrier de Naples* e de *Paris*; continuação da traducção do *Primo Basilio* de Eça de Queiroz e *Bibliographia.*

Apontamentos para a Historia de Macau, por J. Gabriel B. Fernandes... *Lisboa, Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes... 1883.* In-4.º de 79 pag. com uma carta ou mappa. Como tudo o que se refere ás nossas colonias é sempre bem vindo este opusculo. Com quanto pequeno em volume encerra noticias importantes, e é pena que de tudo o que ha publicado e se publica, se não façam umas monographias desenvolvidas e completas de cada uma das nossas colonias.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa. É o 18.º fasciculo d'esta importante compilação, proseguida com indefessa persistencia pelo infatigavel archivista da Camara Municipal de Lisboa, o sr. Eduardo Freire de Oliveira. Continua-se a materia encetada no fasciculo antecedente, sendo muito curiosos e interessantes os extractos e transcripções de documentos que encerra.

O Açoriano. Começou a publicar-se na cidade da Horta, ilha do Fayal, uma folha semanal com este titulo, de que sahiu o n.º 1 no dia 9 de setembro ultimo, de que é redactor o sr. Garcia Monteiro. Longa vida desejamos ao novo orgão.

Christophe Colomb et la Corse, *observations sur un décret récent du gouvernement français, par M. Henry Harrisse—Paris, Ernest Leroux, editeur, 28, rue Bonaparte — MDCCCLXXXIII.* — Com 10 pag 1 de rosto e outra de ante-rosto. — N'este opusculo, analysando o referido decreto que, na sua fórma simples, encerra como que uma capciosa confirmação, da disparatada opinião que faz nascer o grande navegador na Ilha de Corsega, refuta e pulverisa, o notavel advogado americano, uma obra do Abbade *Martin Casanova de Pioggiola* publicada em 1880 sob o titulo de *La verité sur l'origine et la patrie de Christophe Colomb, son origine, sa vie, ses voyages, sa famille et ses descendants*, que se acha já no prélo e constará de dois grossos volumes, estabelecerá o illustre escriptor estes diversos pontos, com o vigor da sua paciente investigação e clarissima critica.



Mosteiro de Arouca (Segundo um desenho do natural por Abel Acacio)

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typographia Elzeviriana — Lisboa
Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884

(3.º anno de publicação)

Este almanach é o unico, no seu genero, que se publica em Portugal.

Illustrado com magnificas gravuras de monumentos e paisagens de Portugal, copias de quadros de artistas portuguezes, e retratos de notabilidades, com uma secção de necrologio do anno, illustrado com retratos.

A parte do kalendario, tabellas e todas as indicações uteis para o publico, é das mais completas.

Uma linda capa a aguarella a côres,
pintada pelo distincto scenographo MANINI, e executada na Lithographia GUEDES

UM ENYGMA A PREMIO

Preço em Lisboa, 200 réis. Pelo correio, 220 réis.

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, *Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42,* em todas as livrarias e em casa dos senhores correspondentes d'esta empreza.

ALLEGROS E ADAGIOS

POR JAYME DE SEGUIER

Um elegante volume primorosamente impresso em papel superior

500 RÉIS

Acaba de sahir a publico e está á venda em casa dos editores

CAETANO ALBERTO & FARO

8 a 20, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

LISBOA

Nas principaes livrarias e na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Envia-se franco de porte.